

GRUPO I

PARTE A

1. O espaço apresentado é onírico, irreal, fruto da imaginação e, por isso, um lugar “Onde há paisagens que não pode haver” (v. 2)/ “Sei, sim, é belo, é longe, é impossível” (v. 13) / “E, ainda que não haja” (v. 15); esse local é belo, suave, acolhedor e proporcionador da ilusão do amor tal como se percebe pelos versos: “Tão belas que são como que o veludo” (v. 3); “Passa de leve por meu pensamento / E o pensamento julga que é amor” (vv. 11-12).
2. Os versos 3 e 4 remetem para a irrealidade das ilhas e para as potencialidades que oferecem, comparando-se a beleza das ilhas ao “veludo”, para sugerir a suavidade/a felicidade que o mundo harmonioso, existente no domínio dos sonhos, pode proporcionar. Tal permite enquadrar o poema na temática do sonho e da realidade, dado que as ilhas imaginadas permitem ao sujeito poético imaginar um mundo um mundo perfeito, ao qual só se pode aceder através do sonho.
3. As anáforas iniciais permitem reforçar a consciência de que o espaço descrito existe apenas no sonho; porém, as seguintes, presentes nas duas últimas estrofes, versos 13, 17 e 19, reforçam a certeza de que o espaço descrito, sendo fruto do sonho, é impossível de alcançar, porque esse lugar só existe na imaginação. Em suma, as anáforas contribuem para demonstrar que o sonho é inerente à essência do sujeito poético.

PARTE B

4. Padre António Vieira aprova, aplaude e elogia o comportamento dos peixes que se mantêm afastados do homem e não se deixam domesticar, ao contrário de muitos animais terrestres e do ar. O orador considera que o retiro/isolamento dos peixes é revelador de grande prudência e só lhes traz vantagens, uma vez que os protege da influência humana e da subjugação, facto que lhes evita o sofrimento.
5. Para fundamentar o argumento de que os peixes agem corretamente ao afastar-se dos homens para serem livres, o pregador dá exemplos que ilustram situações do conhecimento geral e que são facilmente compreendidas, uma vez que os animais referidos, apesar de aparentemente viverem bem junto do homem, estão, na realidade, privados da sua liberdade, sendo até por eles enganados e explorados.
6. a) – 1; b) – 4

PARTE C

7. Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, o narrador faz uso da crítica e da ironia para caracterizar uma época, e em particular o ano de 1936, em que, política e socialmente, se assiste a várias transformações.
Efetivamente, a cena política europeia e nacional retratada reflete a emergência de regimes totalitários em vários países da Europa, referindo-se, por exemplo, o surgimento do nazismo e do regime salazarista. No caso português, destaca a opressão vivida durante o Estado Novo, refletida, por exemplo, no controlo exercido pela PVDE, que chama o protagonista para averiguações, no controlo de qualquer tipo de manifestações contra o regime, como foi o caso da revolta dos marinheiros, para além da manipulação da informação veiculada pelos jornais que davam conta da admiração que outros países nutriam por Salazar. A nível social, Saramago regista os bodos que o governo organizava de moda a saciar a fome da população mais desfavorecida e que contribuía para a defesa e aceitação de um regime antidemocrático, mas cujo líder era visto como modelo e como salvador da pátria.
Em suma, são muitos os acontecimentos histórico-sociais de que Saramago se serve para condenar um período e um regime em que os cidadãos não tinham liberdade nem direito a uma vida digna, e marcado por vários conflitos bélicos a nível europeu.

GRUPO II

Item	Versão 1	Versão 2
1.	(D)	(C)
2.	(B)	(A)
3.	(C)	(B)
4.	(C)	(D)
5.	(D)	(B)
6.	a) Complemento do nome b) Complemento direto	
7.	(modalidade) deôntica (com valor) de obrigação.	

GRUPO III

Introdução – O acesso livre e rápido à informação potenciada pelos novos meios de comunicação.

Desenvolvimento

- 1.º argumento – vantagens decorrentes do rápido acesso a todo o tipo de informações.
Exemplo: um acidente/incêndio ocorrido num local próximo da nossa habitação
- 2.º argumento – desvantagens: notícias não confirmadas e geradoras de conflitos/erros
Exemplo: as discussões e o uso de palavrões ou insultos em determinadas situações.

Conclusão – O impacto pessoal e social de factos não confirmados revelam a necessidade de saber gerir as informações obtidas fácil e rapidamente.

Proposta de textualização:

A atualidade é marcada por inúmeros avanços técnicos que permitem a qualquer cidadão aceder rápida e facilmente a qualquer tipo de informação, mesmo sem ter tido oportunidade de se formar relativamente a esta nova realidade, o que pode acarretar vantagens e desvantagens.

Na verdade, o acesso rápido à informação pode ser extremamente benéfico em situações que requerem uma atuação instantânea, podendo evitar-se algumas situações muito desagradáveis. Imagine-se, por exemplo, alguém que vive em determinada localidade onde um fogo de enormes dimensões se instalou. Se alguém divulgar essa informação em tempo real, através da rádio ou do Facebook, os habitantes podem ainda fugir ou tomar medidas que lhes permitam salvar os seus pertencentes e as suas vidas.

Porém, as informações obtidas de forma célere carecem, muitas vezes, de confirmação. Não havendo validação das notícias, pode gerar-se pânico ou até levar à destruição da reputação de uma pessoa. Veja-se os casos de Cristiano Ronaldo ou de Neymar, dois célebres jogadores que foram vítimas da divulgação de algumas notícias que, mesmo não tendo sido confirmadas, tiveram implicações negativas e imediatas nas vidas de ambos. Muitas vezes, o simples facto de se querer vender, faz com que algumas notícias sejam sensacionalistas e completamente falsas, podendo levar ao suicídio, como aconteceu com aquela mulher que viu a sua vida íntima espelhada e espalhada em vídeos publicados na Internet e que foram comentados por colegas de trabalho.

Assim, torna-se cada vez mais urgente que os cidadãos estejam prevenidos e comecem por se certificar das informações a que acedem, procurando obter dados mais concretos e detalhados para evitar fazer juízos de valor ou pronunciarem-se sobre assuntos que não foram confirmados ou que não passam de meras especulações.

(282 palavras)